



REVISTA INTER-LEGERE  
WWW.CCHLA.UFRN.BR/INTERLEGERE

---

## O TEMPO DIRÁ: CULTURA E POESIA!

## TIME WILL TELL: CULTURE AND POETRY!

---

Lenina Lopes Soares Silva<sup>1</sup>

Esse tempo nunca passa  
Nem é de ontem, nem é de hoje  
Mora no som da cabaça  
Não tá preso, nem foge  
No instante que tange o berimbau, meu camará  
[...]  
Parabolicamará (Gilberto Gil)<sup>2</sup>

A cultura, enquanto conjunto de saberes, crenças e valores, produzida pelos humanos, carece de cuidados. Esta reflexão assenta-se na perspectiva de que alguns elementos constituintes da cultura poderão sucumbir à ação deletéria de espíritos que consideram o tempo como predador das criações artísticas, para fazer valer suas idéias egoístas. Dentre as criações, visadas por estes espíritos, encontra-se a forma poética de escrita, desprezada, até mesmo na academia, como um saber ultrapassado, que não serve como forma de representação do saber científico.

Na contemporaneidade, em muitos espaços não acadêmicos, podemos também ver, ouvir, ler e sentir a força desta ação em expressões, tais como: *isto é do tempo de Adão Curicaca, isto é tão velho quanto o romantismo, isto só serve hoje para os poetas*, manifestadas, na maioria das vezes, em relação a livros clássicos, músicas clássicas, obras de arte antigas, poemas de autores consagrados, diante de um admirador da Lua e de pessoas que demonstram predileção por tais instrumentos culturais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<sup>2</sup> GIL, Gilberto: **Parabolicamará**. [www.gilbertogil.com.br/sec\\_discografia\\_obra.php?id=363](http://www.gilbertogil.com.br/sec_discografia_obra.php?id=363) - 9k - acesso em 14/11/2006

Se, como diz Morin (2005),<sup>3</sup> o espírito humano tem a capacidade de organizar o conhecimento em interação cerebral com a cultura, é possível a nós afirmarmos que, ao negar a existência de determinadas coisas, idéias e criações artísticas, tendo como parâmetro apenas o tempo, estamos negando a perpetuação da cultura. Com isto, não estamos pleiteando que tudo da cultura deva ser perpetuado; o que pretendemos é refletir sobre a questão do tempo como argumento, ou como juízo de valor para aceitação ou negação deste ou daquele elemento cultural. Afinal, a poesia é expressão do pensamento, coisa do espírito humano, e o poeta, na epígrafe acima, nos diz que o tempo é perene, transcendente e tem continuidade

De jangada leva uma eternidade  
De saveiro leva uma encarnação  
De avião o tempo de uma saudade

Pela onda luminosa  
Leva o tempo de um raio  
Tempo que levava Rosa  
Para arrumar o balaio  
Quando sentia que o balaio ia escorregar  
Ê, volta do mundo camará  
Ê, mundo da volta, câmara

Parabolicamará (Gilberto Gil)

Estes versos permitem-nos compreender que o tempo do poeta tem muito do tempo da narrativa de Georges Balandier (1999),<sup>4</sup> em *O Dédalo*: para finalizar o século XX, um tempo não linear que se bifurca por lugares da memória, da história e do contexto pelos labirintos da sociedade; um tempo invenção humana – cultural. Ambos, poeta e narrador, manejam duas diferentes formas de escrita para pensar a cultura e o tempo, utilizando-se da *relativa autonomia do espírito*, proposta por Morin (2005), sem preconceito e com poesia. No primeiro, ouvimos o som da cabaça do berimbau por um tempo lento, rápido, oscilatório; e, no segundo, passeamos pelas veredas sociais delineadas por *Dédalo*, em uma belíssima metáfora, fazendo-nos acreditar que a música, o mito, o poeta e o prosador significam-se e dão significado aos elementos culturais sem prescindir do tempo e sem utilizá-lo como forma de negação de algo existente.

<sup>3</sup> MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

<sup>4</sup> BALANDIER, Georges. *O Dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1999.

Continuemos nossas reflexões sobre cultura e poesia em nosso tempo para compreendermos se *o tempo dirá!*, expressão usual para elaboração de pensamentos em perspectiva. Talvez, esta seja, a forma mais arraigada culturalmente e até comum de colocarmos o tempo como juiz das coisas concretas e reais. Quem sabe, seja a maneira mais fácil de não assumirmos pensar sobre o que nos está sendo posto à análise, ou de deixarmos de lado aquilo sobre o que temos dúvidas, ou que não queiramos, ou desejamos compreender? Então, dizemos: *o tempo dirá!*. Mas, será que o tempo diz alguma coisa, ou somos nós que dizemos? Isto não seria uma forma ambígua de camuflarmos nossas certezas, e de não pensarmos nas incertezas? Não seria, um jeito de fugir da realidade? Seria ético, nos livrarmos de tomar posição dizendo que o tempo irá assumir o direcionamento de alguma coisa? Se nem os poetas, nem os narradores, e nem os prosadores negam o tempo, por que usar o tempo para negar a poesia? Será que o tempo dará as respostas para estas dúvidas, e seremos nós que teremos que interpretá-las? Em dúvida vamos recorrer à poesia do poeta brasileiro Thiago de Mello, em *As ensinanças da dúvida*,<sup>5</sup> para tentarmos aprender algo sobre o tempo, a cultura e a poesia. Vejamos:

Tive um chão (mas já faz tempo)  
Todo feito de certezas  
tão duras como lajedos

Agora (o tempo é que fez)  
tenho um caminho de barro  
umedecido de dúvidas

Mas nele (devagar vou)  
me cresce funda a certeza  
de que vale a pena o amor

Ainda em dúvida, compreendemos que a mensagem do poema mostra a mudança de paradigma do pensamento do poeta articulada com a idéia de tempo provocador de dúvidas e incertezas; tempo alicerçado na cultura e na natureza; tempo movediço, umedecido, encharcado, guiado pela condição humana em sua existência e por ele delimitada; tempo que é passado duro e que é construtor de um presente vivido devagar, sem pressa; tempo que é porto (chão) e que é caminho

<sup>5</sup> MELLO, Amadeu Thiago. *As ensinanças da dúvida*. [www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga\\_tm.htm](http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_tm.htm) - 79k - acesso em 20/11/2006

para o poeta caminhante; tempo elemento articulador do pensamento do poeta que faz e fez a poesia em seu tempo, no tempo de sua própria existência. É, assim, um tempo em contexto, situado, sinalizador e possibilitador de leituras de mundo e da própria vida. Nesse sentido, poderíamos pensar que o poeta projetou seu pensamento através do tempo como artifício de criatividade para expressar suas dúvidas e a certeza de que o amor vale a pena. Percorrendo essa direção, aproxima-se do pensamento não menos poético de Morin (2005, p. 65), que “reconhece as incertezas do conhecimento, a dificuldade da consciência, a incerteza irremediável do futuro e, a partir daí, as incertezas éticas,” sem prescindir da necessidade do enfrentamento das incertezas e de uma aposta no futuro, pois *vale a pena o amor*, diz o poeta.

Uma outra interpretação possível nos conduz a um diálogo entre o pensamento de Mello e o pensamento de Cyrulnik (1993)<sup>6</sup> sobre a contingência da vida e dos seres humanos, como seres de cultura em relação à produção científica. É possível visualizar que os instrumentos culturais de significação utilizados pelos autores (a poesia e a ciência) carregam em si o poder da palavra e têm permitido que ambos expressem suas observações e sentimentos; suas leituras de mundo e do tempo vivido do tempo que passou – o das certezas duras como lajedos e do tempo que fez o caminho cheio de dúvidas – mas que trouxe a certeza do amor e de que a observação refletida é um dos caminhos tanto para a ciência quanto para a vida.

Neste vai e vem,

Esse tempo não tem rédea

Vem nas asas do vento

O momento da tragédia

Chico, Ferreira e Bento

Só souberam na hora do destino apresentar

Ê, volta do mundo, camará

Ê, mundo dá a volta, câmara...

Gilberto Gil

<sup>6</sup> CYRULNIK, Boris. **Memória de macaco e palavras de homem**. Lisboa. Instituto Piaget, 1993.

Assim, nesse barco da cultura, não vamos remar contra o tempo, mas sim contra as marés, aprendendo com os poetas como manejar os remos para conseguirmos nos equilibrar na deriva das dúvidas e das incertezas que nos conduzem. Bateu uma dúvida! Será que um dia a ciência assumirá a forma poética como uma das maneiras possíveis de se fazer representar? O tempo dirá? Será? Talvez! Enquanto isto, vamos viver poeticamente, como sugere Morin.

## Referências

BALANDIER, G. **O Dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CYRULNIK, B. **Memórias de macaco e palavras de homem**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

GIL, G. **Parabolicamará**. Disponível em:  
<[www.gilbertogil.com.br/sec\\_discografia\\_obra.php?id=363](http://www.gilbertogil.com.br/sec_discografia_obra.php?id=363)>. Acessado em:  
14/11/2006, 15h.

MELLO, A.T. **As ensinanças da dúvida**. Disponível em:  
<[www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga\\_tm.htm](http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_tm.htm)>. Acessado em: 20/11/2006, 15h.

MORIN, E. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.